

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO CURSO DE PSICOLOGIA – O SOFRIMENTO PSÍQUICO DO PAR DISCENTE/DOCENTE

Artur Vandrê Pitanga¹
Bárbara Naves dos Santos²
Fernando Figueiredo dos Santos e Reis³
Jéssica Batista Araújo⁴
Juliane Macedo⁵
Lúcia Abrahão Helou⁶
Márium Hanna Daccache⁷
Renata Silva Rosa Tomaz⁸
Tatiana Valério Emidio Moreira⁹
Tiago Meireles do Carmo Morais¹⁰

RESUMO

O objetivo desse trabalho foi realizar uma reflexão crítica a partir do relato de experiência do grupo de docentes do curso de psicologia do Centro Universitário Unievangélica de Anápolis durante as atividades acadêmicas realizadas no período de pandemia, em 2020. Buscou-se discutir a função da educação superior, a função da instituição escola e a precarização da atividade docente no contexto de pandemia como um agravante do sofrimento psíquico. Discutiu-se também o modo como esses elementos impactam o vínculo dos professores com os alunos e a importância da preservação desse vínculo enquanto função formativa essencial em psicologia. Concluiu-se que, sem negar o sofrimento psíquico em nenhum dos lados, este foi trabalhado e possibilitou um fortalecimento dos vínculos entre professor aluno, servindo como estratégia de coping frente às adaptações que eram exigidas para ambos. Por fim, se reforça que não se trata de um elogio à precarização, mas sim ao talento daqueles que conseguem trabalhar apesar dela.

PALAVRAS-CHAVE

Sofrimento psíquico. Precarização. Psicologia. Docência.

INTRODUÇÃO

A educação formal em nosso país tem como princípios orientadores os objetivos expostos na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que em seu capítulo terceiro, seção I, diz que esta deve servir a formação de cidadãos e de trabalhadores. Esta não é uma exclusividade da carta Magna brasileira, e pode-se perceber essa mesma tendência de orientação da educação para o trabalho em vários países. Contudo, reduzir a função da educação à formação de mão-obra-

¹ Dr. Curso de Psicologia do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. arturvandre@gmail.com

² Me. Curso de Psicologia do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. barbarapsiufg@gmail.com

³ Me. Curso de Psicologia do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. reisffs@gmail.com

⁴ Me. Curso de Psicologia do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. Jeh.b.araujo@gmail.com

⁵ Me. Curso de Psicologia do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. psijuliane@gmail.com

⁶ Esp. Curso de Psicologia do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. luciahelou@uol.com

⁷ Me. Curso de Psicologia do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. mariampsy@hotmail.com

⁸ Me. Curso de Psicologia do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. rrtomaz@gmail.com

⁹ Me. Curso de Psicologia do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. Prof.tati.valeria@gmail.com

¹⁰ Me. Curso de Psicologia do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. tiago_meireles@hotmail.com

especializada pode ser um grande erro, pois o processo de educação, além de ser maior que isso, é fundamental para a constituição desse humano e a isso inclui-se a sua saúde e sua relação com o sofrimento (LANE, 1984 e DEJOURS, 1992).

- ▶ Entendemos educação como prática social humanizadora, intencional, cuja finalidade é transmitir a cultura construída historicamente pela humanidade. O homem não nasce humanizado, mas torna-se humano por seu pertencimento ao mundo histórico-social e pela incorporação desse mundo em si mesmo, processo este para o qual concorre a educação. A historicidade e a sociabilidade são constitutivas do ser humano; a educação é, nesse processo, determinada e determinante (ANTUNES, 2008, p.469).

Tomando que o processo de humanização que se dá pela educação não é natural, então este se orienta por meio de instituições em que ele possa se realizar. A educação, nesse sentido mais amplo, está presente em todas as dimensões do desenvolvimento humano (VYGOTSKY, 1984). Várias são as instituições que se responsabilizam pela educação, contudo, apenas uma foi criada exclusivamente para tal tarefa, sendo a responsável pela educação formal – a escola. Em outras palavras, desde o seu princípio a função da instituição escola, é voltada a educação, contudo com um recorte específico que é o de atender às demandas sociais.

- ▶ A escola pode ser considerada como uma instituição gerada pelas necessidades produzidas por sociedades que, por sua complexidade crescente, demandavam formação específica de seus membros. A escola adotou ao longo da história diversas formas, em função das necessidades a que teria que responder, tendo sido, em geral, destinada a uma parcela privilegiada da população, a quem caberia desempenhar funções específicas, articuladas aos interesses dominantes de uma dada sociedade (...) Sob essa perspectiva, a escola, tal como nós a concebemos, tem como finalidade promover a universalização do acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade, criando condições para a aprendizagem e para o desenvolvimento de todos os membros da sociedade (ANTUNES, 2008, 469-470).

Portanto, é preciso tomar a instituição escolar, neste caso, a instituição de ensino superior, na especificidade de um curso de Psicologia, como nosso objeto de pesquisa. Essa instituição, que não é natural, tem seus interesses próprios, mas também se relaciona com os interesses sociais que lhe são direcionados. Logo, a tarefa de formar profissionais de psicologia é o objetivo que um curso superior de psicologia busca atingir. Essa formação que é regida por um currículo base unificado, além de aspectos técnicos e teóricos fundamentais, também visa alcançar algumas habilidades e competências interpessoais essenciais para a práxis da psicologia. Em se tratando do campo da saúde, sem essas habilidades e competências a atuação do psicólogo estaria sempre insuficiente, pois, por mais que ele conhecesse todas as teorias, ainda seria fruto de uma formação bancária e tecnicista (FREIRE, 1980).

Por isso, a relação entre docentes e discentes durante a formação em psicologia é aspecto fundamental para a transmissão de experiência e capacitação técnica e interpessoal. A saúde mental dos alunos, mais do que uma influência na capacidade cognitiva de aprendizagem, é um aspecto de atenção primordial, visto que os conteúdos estudados, por vezes, suscitam angústias e colocam os discentes em contato com feridas e traumas que necessitam de um amparo. Na incerteza de que todos os alunos tem com quem contar ou se são acompanhados por profissionais da psicologia, cabe ao professor de psicologia estar atento à sinais de sofrimento psíquico intenso e oferecem escuta e algum amparo possível. A dificuldade, no período de pandemia, durante as modalidades remotas de ensino, foi justamente manter esse contato próximo e tão importante e oferecer suporte aos discentes

do curso de psicologia. O objetivo desse estudo é discutir as possibilidades e dificuldades que se apresentaram a esse suporte por meio da análise do relato de experiência.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Durante o ano de 2020, a partir do dia 16 de março até o seu fim, totalizando, portanto, mais da metade do primeiro semestre e todo o segundo semestre, o curso de psicologia do Centro Universitário Unievangélica de Anápolis, seguindo regulamentação nacional, interrompeu as atividades presenciais e continuou, durante a pandemia de Covid-19, suas atividades em modalidade remota. O que se observou durante as atividades acadêmicas, foi que no início havia uma crença generalizada de que seria um período breve de distanciamento e que logo voltaríamos à normalidade. Contudo, na medida em que os meses avançaram, percebeu-se que a pandemia demoraria mais que o imaginado.

Dentre os grupos de professores circulavam trocas de experiências, dificuldades e angústias em diferentes aspectos: 1- Muitos professores tinham muita dificuldades com os manejos tecnológicos necessários para a execução da aula remota e isso produzia muita ansiedade no grupo como um todo; 2 – A incerteza do retorno presencial e das condições em que esse retorno ocorreria, alimentava fantasias e gerou narrativas de cunho paranóico-persecutório (FREUD, [1919]1996), também sendo fator ansiogênico; e 3 – A distância e a conseqüente dificuldade de comunicação com os alunos que, por diversos fatores, sejam eles falta de recursos financeiros, tecnológicos ou motivacionais, tornavam as aulas remotas uma experiência solitária por meio da não participação ou da participação silenciosa.

Buscou-se um contato mais próximo com as turmas por meio de aplicativos de mensagens e redes sociais, focando em atores chaves, tais como representantes de sala e um ou outro aluno cujo vínculo com os professores era mais forte. Assim, o grupo docente conseguia alguma informação sobre alunos que estavam, de alguma forma, passando por dificuldades e sobre turmas que eventualmente podiam estar reagindo mal às novas metodologias de algum professor.

A coordenação pedagógica e o NDE foram particularmente atuantes devido à particularidade de, durante o período de pandemia, o curso de psicologia ter ficado sem um diretor específico da área. As decisões, encaminhamentos e ações eram tomadas em colegiado, e, dessa forma, essa pluralidade possibilitou que os professores do NDE estivessem de maneira direta em contato com os alunos, fazendo com que a coordenação estivesse sempre presente quando necessário.

Projetos de extensão foram amplamente utilizados de maneira a estender a experiência acadêmica para além dos momentos de aula remota, oferecendo aos alunos possibilidades de troca e partilha de conhecimentos de maneira mais agradável e focada em seus interesses. Com a impossibilidade dos encontros casuais nos ambientes físicos da instituição, esses momentos tiveram seu valor ressignificado, gerando uma grande adesão de alunos, e supervisionado por professores que, apesar de cansados, mantinham a frequência do trabalho.

As práticas de estágio foram as que mais precisaram se reinventar, pois, tradicionalmente são muito esperadas pelos alunos e, por mais que ainda ocorreram na modalidade remota, foi uma decepção para aqueles que sonhavam em ir à campo e atuar. Manejar a frustração dos alunos e ainda desenvolver atividades remotas que dessem conta da realidade profissional do psicólogo foi o grande

desafio dos docentes que supervisionavam estágio, assim como dos professores coordenadores de estágio.

DISCUSSÃO

A pandemia de Covid-19 transformou significativamente o mundo do trabalho e suas relações. E mesmo quando lidamos com novas formas de interação e de atuação profissional, amparadas por tecnologias de informação, para contornar as impossibilidades impostas pela pandemia, fica claro que muitas dessas mudanças vieram para ficar e seguirão fazendo parte do modo de estar no mundo do trabalho. Percebe-se que, enquanto uma prática formativa que visa preparar o aluno para o mercado de trabalho, a modalidade remota de atuação profissional no ensino superior, seja a prática docente ou discente, não foi somente um arranjo para a continuidade das atividades, mas certamente entrará como mais uma habilidade e competência que o profissional deve dominar. A capacidade de produzir em situação remota, amparado por tecnologias da informação, foi algo que alunos e professores precisaram se adaptar. E como Dejours (1992) nos aponta, nenhum trabalho na contemporaneidade está desligado da sua dimensão de sofrimento. O sofrimento faz parte do mundo do trabalho.

A insegurança produzida frente a necessidade de adaptação que se impôs fez com que equipe docente e discentes experimentassem uma nova dimensão do sofrimento psíquico ligado ao trabalho. O modelo antes estabelecido, que definia os papéis sociais e suas atuações foram transformados, gerando grande mal-estar (DUNKER, 2015). Mal-estar este que, seguindo a lógica do próprio desenvolvimento do mundo do trabalho, em especial do trabalho docente, era, de certa maneira, anunciado pela via da progressiva precarização das condições de trabalho (ANTUNES, 2009), visto que a dimensão doméstica e privada dos trabalhadores foi invadida pelo seu ofício, relativizando horários pré-definidos de trabalho/descanso e impondo certa condição material mínima necessária para que o trabalho seja realizado, a ser arcado pelo trabalhador

A liberdade, que já fora característica da atuação docente, ficou ameaçada com a necessidade de gravação e divulgação, mesmo que controlada, de suas aulas. De repente, o professor que estava acostumado a interagir com um grupo limitado de alunos, e nessa interação lançava mão de uma série de recursos narrativos, simbólicos e até teatrais e lúdicos para firmar vínculo e propiciar a melhor relação de ensino/aprendizagem (MYERS, 2014), se viu falando agora para toda a internet, sem conhecer seu público, e sem poder medir o impacto de sua fala, e dessa maneira melhor mensurá-la. Colocar-se dessa maneira para o Outro intangível significou se colocar a uma avaliação constante que antes o professor não estava acostumado. O medo ocasionado dessa relação constituiu fator impeditivo (FREUD, [1930]1996) para que muitos realizassem as aulas com a qualidade que poderiam e queriam.

CONCLUSÃO

Em conclusão, percebeu-se que, compartilhando da mesma condição, mesmo que com recortes diferentes, os precarizados se uniram e firmaram um vínculo identificados por seu flagelo. Ou seja, mesmo com as dificuldades, ou melhor, por meio das dificuldades, os docentes de psicologia conseguiram se manter próximos dos discentes e sustentar esse vínculo de maneira a propiciar o trabalho que vai para além da técnica e da teoria. Sem construir uma imagem idealizada de si (FREUD, [1919]1996), os professores, por alcançarem seus limites, por vezes explicitaram seu sofrimento, e

isso foi fator de identificação com o sofrimento psíquico dos alunos, gerando parceria fundamental para o enfrentamento e criando assim uma estratégia de coping (MYERS, 2014). Tal relação parece exitosa visto que este sofrimento não pode ser evitado e que por meio de um adequado manejo do sofrimento ligado ao trabalho, possibilitou-se o processo de humanização ligado a educação. Com esta conclusão não se pretende defender a precarização do trabalho docente, mas, pelo contrário, apontar a competência dos profissionais que, mesmo precarizados, conseguem transformar sua realidade com os recursos que têm.

REFERÊNCIAS

- ▶ ANTUNES, M. A. M. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. ABRAPEE, v.12, n.2, jul/dez, 2008. p.469-75.
- ▶ ANTUNES, Ricardo L. C. Os Sentidos do Trabalho : ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.
- ▶ DEJOURS, Christophe. Loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. Sao Paulo : Cartaz — Obore, 1992.
- ▶ DUNKER, Christian Ingo Lenz. Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015.
- ▶ FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- ▶ FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do Eu. In FREUD, S. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1919]1996.
- ▶ FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In FREUD, S. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1930]1996.
- ▶ LANE, S. T. & CODO, W. (Orgs.), *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense.
- ▶ MYERS, David G. Psicologia Social. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ▶ VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.